

MISSIOLOGIA

Uma Perspectiva Urbana

Rev. Gildásio Reis



“A vida não me é mais preciosa que o laço sagrado que a liga ao bem estar público de nossa cidade”

Calvino

Não há como negar que a cidade se apresenta como a próxima fronteira missionária¹, nos desafiando a entender a conjuntura sócio-cultural para que o trabalho missionário seja verdadeiramente salutar e produza frutos. É fato que no mundo inteiro as cidades estão enfrentando uma explosão demográfica. As cidades do hemisfério norte se apresentam mais urbana do que dos países do sul. 94% da população do Canadá e dos Estados Unidos já vivem na cidade, bem como 82% dos Europeus e 80% de todos os Russos. No entanto, apenas 36% de todos os Asiáticos e 45% de todos os Africanos morarão em cidades. Na América latina temos 73% de seus habitantes morando em cidades.

A migração de mais de um bilhão de pessoas para as cidades nas últimas duas décadas representa o maior movimento populacional da história. As cidades representam o grande desafio para as missões cristãs devido ao seu tamanho, sua influência e suas necessidades. Naturalmente elas são centros de poder político, de atividade econômica, de comunicação, de pesquisa científica, de instrução acadêmica e de influência moral e religiosa. O que acontece nas cidades acaba por afetar uma nação inteira e o mundo caminha na direção que as cidades seguem.

Os resultados de um crescimento de abrangência mundial tão rápido são evidentes em toda parte. Nas ruas de Nova Iorque vivem cinquenta mil pessoas desabrigadas. Outras 27.000 vivem em abrigos temporários e estima-se que 100.000 famílias recebem abrigo em apartamentos de amigos e parentes. Em Bombaim, Índia, 1.000.000 de pessoas vivem em uma favela construída sobre um gigantesco depósito de lixo. Em Detroit, 72% dos adultos em idade de empregarem-se não encontram trabalho e provavelmente nunca o encontrarão. Esta é a cidade que Deus ama e pela qual Cristo morreu. Esta é a cidade onde está a igreja de Cristo e este é o lugar onde ela é chamada para ministrar.

No Brasil, como em muitos países, 80% das pessoas vivem nas cidades, ao contrário do que havia há poucas décadas, quando a maior parte vivia nas áreas rurais. Este é um grande desafio para as igrejas. As cidades têm grandes e graves problemas, próprios do crescimento urbano desordenado a que são submetidas, tais como concentração excessiva de pessoas, desigualdades

¹ Chamo a atenção para o título do livro sobre missões urbanas de Roger GREENWAY - *“Cities – Mission’s New Frontier”*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House. 1989.

sociais, problemas de habitação, favelas, falta de saneamento, de saúde, etc. No que tange à evangelização, as cidades oferecem facilidades e dificuldades, como veremos adiante. As igrejas precisam ter estratégias de trabalho para alcançar as cidades. Há diferenças, entre evangelizar numa Metrópole e num lugar interiorano. Em nosso curso de missiologia urbana procuraremos refletir sobre este importante aspecto de nosso ministério pastoral.

I. DEFINIÇÕES:

1.1. Definição de cidade:

Não existe um padrão mundial que defina uma cidade. Esta definição pode variar de país para país:

Na Dinamarca bastam 250 habitantes para uma comunidade urbana ser considerada uma cidade, e na Islândia, apenas 300 habitantes. Na França, um mínimo de 2 mil habitantes é necessário, e na Espanha, 10 mil habitantes. Organizações e empresas também podem possuir seus próprios critérios de "cidade". No Brasil, popularmente qualquer comunidade urbana com uma sede de município pode ser considerada uma cidade, independentemente de seu número de habitantes²

Não obstante esta complexidade para definir a cidade, muitos pensadores e historiadores a definiram, e achamos oportuno apenas citar algumas:

No dicionário Michaelis (2002), cidade é definida como o centro urbano, sede de município, um aglomerado permanente, relativamente grande e denso, de indivíduos socialmente heterogêneos.³

[Do lat. civitate.] Complexo demográfico formado, social e economicamente, por uma importante concentração populacional não agrícola, ie, dedicada a atividades de caráter mercantil, industrial, financeiro e cultural; urbe: "Cidade é a expressão palpável da necessidade humana de contato, comunicação, organização e troca, -- numa determinada circunstância físico-social e num contexto histórico"⁴

Uma **cidade** é uma área urbanizada, que se diferencia de vilas e outras entidades urbanas através de vários critérios, os quais incluem população, densidade populacional ou estatuto legal. A população de uma cidade varia entre as poucas centenas de habitantes até a dezena de milhão de habitantes. As cidades são as áreas mais densamente povoadas do mundo⁵

Cidades são concentrações de pessoas vivendo muito próximas e interagindo umas com as outras sob alguma forma de incorporação municipal e governamental⁶

² Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade>. capturado em 04/05/2006

³ As três primeiras definições foram extraídas de www.ub.es/geocrit/sn/sn-170-36.htm, Capturado em 12 de julho de 2005

⁴ www.geocities.com/RainForest/Canopy/9555/glossario_ambiental.htm (Lúcio Costa: Registro de uma Vivência, p.277)

⁵ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade>. capturado em 04/05/2006

⁶ GREENWAY, Roger; Monsma, Timothy M. *Cities – Mission's New Frontier*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House. 1989. p. 8

1.2. Conceito de Missiologia urbana

Missiologia urbana é a disciplina ou ciência que pesquisa, registra e aplica dados relacionados com a origem bíblica, a história, os princípios e técnicas antropológicas e a base teológica da missão cristã na cidade.⁷

II. A NECESSIDADE DE UMA MISSIOLOGIA URBANA

O fenômeno da urbanização requer uma missiologia urbana.

Urbanização é o processo pelo qual, em uma região particular, a porcentagem de pessoas vivendo em cidades tem um aumento relativo a população rural, com conseqüências na vida humana. Onde há rápida urbanização, há um declínio relativo na população rural.⁸

Os problemas relacionados com a missão da Igreja na cidade exigem uma missiologia urbana. As necessidades do homem urbano tornam imperativo o estudo de uma teologia e uma práxis de evangelização compatíveis com os princípios e modelos bíblicos. Isto é, faz-se mister o estudo de missiologia urbana.

III. OBJETIVOS DO ESTUDO DE MISSIOLOGIA URBANA

1. Tomar consciência da realidade das cidades e seus desafios.
2. Considerar os fatos bíblicos e os princípios neles presentes, relacionados com missões urbanas.
3. Apreciar os métodos de missões urbanas, hoje adotados, com base nos princípios e modelos bíblicos.
4. Ensaiar a elaboração de um projeto de Missões urbanas, visando a evangelização das cidades.

IV. O FENÔMENO DA URBANIZAÇÃO

O mundo passou por uma revolução profunda em termos demográficos nos dois últimos séculos, cujas mudanças populacionais acontecidas no campo e na cidade, alteraram completamente o quadro. O Dr. David Barret em sua obra World Christian Encyclopedia apresenta os dados estatísticos abaixo relacionados:

Ano.....%	População Urbana
1800 A.D.....	3%
1900 A.D.....	15%
1950 A.D.....	21%
1978 A.D.....	40%
2000 A.D.....	70-87%

O século XX começou com 15% da população mundial vivendo nas cidades e terminou com 15% vivendo fora das cidades.

Dentro de dezenove anos, o mundo sofrera uma mudança drástica. Pela primeira vez, desde que a história começou a ser registrada, a maior parte da população mundial viverá nas cidades principalmente nas cidades da Ásia, África, e América Latina. Essas cidades terão tamanho assustador e serão flageladas pelo desemprego,

⁷ GREENWAY, Roger; Op Cit, p. 7

⁸ GREENWAY, Roger; Op Cit., p. 7

pela superpopulação e doença. Nelas os serviços tais como energia, água, saúde pública ou coleta de lixo, atingirão limites críticos.⁹

Esta é uma lista das maiores cidades do mundo, por população (estimada para 2006):
Fonte: Almanaque Abril 2005¹⁰

Rank	Cidade	População 2005	País	Continente
1	Tóquio	35,0	Japão	Ásia
2	Cidade do México	18,7	México	América do norte
3	Nova York	18,3	Estados Unidos	América do Norte
4	São Paulo	17,9	Brasil	América do Sul
5	Mumbai	17,4	Índia	Ásia
6	Délhi	14,1	Índia	Ásia
7	Calcutá	13,8	Índia	Ásia
8	Buenos Aires	13,0	Argentina	América do Sul

4.1. Cinco Fatores determinantes da urbanização

1. A industrialização: O processo de Industrialização provocou o crescimento das cidades, surgindo as cidades consideradas Megacidades.
2. O próprio crescimento natural da população (ver gráfico abaixo)
3. Desejo de melhores condições de vida: Estudo para os filhos, busca de melhores salários, busca de assistência médica, etc.
4. Atração dos grandes centros: A penetração da imagem das Tvs que iludem com expectativa de vida melhor nas cidades.
5. Mecanização da agricultura, trazendo a instabilidade Agrícola e o desemprego na zona rural.

Brasil – Taxas de natalidade e mortalidade			
Períodos	Natalidade %	Mortalidade %	Cresc. Vegetativo %
1872-1890	46,5	30,2	1,63
1891-1900	46,0	27,8	1,82
1901-1920	45,0	26,4	1,86
1921-1940	44,0	25,3	1,87
1941-43,5	43,5	19,7	2,38
1951-1960	44,0	15,0	2,90
1961-1970	37,7	9,4	2,83
1971-1980	34,0	8,0	2,60

⁹ Rafael Salas, “Meeting the Challenge of Urban Explosion”, Indian Express, Madras, Índia, October 5, 1986 Citado pelo Dr. Antônio José em Apostila não publicada, material utilizado no CPPGAJ

¹⁰ Retirado de "http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_das_maiores_cidades_do_mundo"

1980-1991	26,9	8,0	1,89
1991-1996	21,8	8,0	1,38

Fonte: IBGE - Contagem da População

VI. AS CIDADES NA BÍBLIA

O termo cidade na Bíblia ocorre mais de 1.600 vezes no Antigo Testamento e 160 vezes no Novo Testamento, sem contar as vezes em que nomes de cidades são usados. As primeiras cidades surgiram por volta do ano 3.500 a. C.

A primeira cidade mencionada na Bíblia é a cidade fundada por Caim - “Caim edificou uma cidade e lhe chamou Enoque”. (Gn 4:17). O contexto em que esta cidade é apresentada é muito importante. Caim estava discutindo com Deus sobre o que ele havia feito para com seu irmão e qual seria o julgamento de Deus sobre ele. Caim reclama de que ele não suportaria aquele castigo e Deus, cheio de compaixão em sua graça, permite que Caim não fique em completo desespero, sem nenhuma proteção. Caim ficou contente com a solução divina porque ele não ficou solto num mundo em anarquia total.¹¹ A ele foi permitido se encontrar com outras pessoas e, inclusive, construir uma cidade. **Conseqüentemente a cidade em si não era uma coisa ruim; ela surgiu diretamente da graça de Deus.** Kline até argumenta que a construção de cidades era o propósito do “Mandado Cultural”¹²

Se o conceito da cidade não está errado em si próprio, qual é o problema então? *O problema é o uso que foi feito dela pelo homem caído que estragou o propósito da cidade.* Quando Caim inaugura a cidade ele a nomeia em homenagem a seu filho chamado Enoque. Desde o recomeço Caim comete o mesmo erro que o levou a matar a seu irmão. Ele estava mais preocupado em edificar seu próprio nome ao invés de dar glórias a Deus por aquilo que Deus havia feito por ele. A narrativa mostra uma situação até pior com o progresso da genealogia. Lameque, um descendente direto de Caim, usa sua autoridade de líder da cidade para quebrar os mandamentos de Deus em relação à família: ele toma para si duas esposas. Como se isto não bastasse, ele também abusa da sua autoridade e estabelece leis opressivas para lidar com aqueles que não concordam com ele. As palavras de Lameque às suas esposas, claramente demonstram sua rebelião contra Deus: “*Sete vezes se tornará vingança de Caim, de Lameque, porém, 70 vezes sete*” (Gn 4:24). Isto é uma perversão do propósito divino para o estado.¹³

Como Kline diz, também a cidade se torna o Templo do homem.¹⁴ Lameque, em suas próprias palavras está tentando ser como Deus.

Na área do mandato social, a evidência da desobediência e rebelião tornou-se mais predominante. Lameque casou-se com duas mulheres (Gn 4.19), quebrando a determinação de um macho e uma fêmea tornarem-se uma só carne (Gn 2.24). Ele assassinou um jovem em vingança por ter sido ferido; Lameque, arrogantemente, escarneceu de Deus dizendo que estava preparado para aceitar a vingança divina em um

¹¹ Kline, Meredith G. *Images Of The Spirit*. Baker Biblical Monograph Grand Rapids: Baker Book House.1980, p. 26 p. 72

¹² Kline, Op Cit., p. 23

¹³ Kline, Op Cit., p. 71

¹⁴ Kline, Op Cit., p. 46

grau muito maior do que a que Caim teve (Gn 4.34). Moisés registrou que como "os homens começaram a crescer em número" (Gn 6.1), a revolta social piorou. A violência tornou-se um modo de vida (Gn 6.11). Casamentos que não honravam a Deus foram escriturados (Gn 6.1-2).⁸ Está claramente inferido que, no seu tempo, Noé era o único homem que tinha um casamento e uma família que honravam a Deus (Gn 6.9).

A corrupção espiritual estava integralmente envolvida na deterioração social e violência dentro do domínio social. O mandato de comunhão que o Rei Criador tinha colocado diante dos seus vice gerentes, havia sido desobedecido no Éden. Yahweh tinha feito a restauração se tornar possível. Alguns invocaram e caminharam com Yahweh. Mas, assim como as pessoas cresceram em número, existia mais e mais maldade sobre a terra. A raiz desta maldade estava no coração das pessoas; toda a inclinação do pensamento originada do coração "era somente má todo o tempo" (Gn 6.5). Note que o texto usa o termo "todo" duas vezes e o termo "somente". O grau extremo de depravação espiritual nos é, então, revelado.¹⁵

A narrativa é interrompida neste ponto e a genealogia de Sete é apresentada, mas logo depois desta o autor volta ao tema da cidade dominada pelo homem. Em Gênesis 6, nós temos a razão porque Deus mandou dilúvio. O abuso de autoridade agora é ainda maior. O número de pessoas aumentou e o número de casamento também, e no versículo 5 nós vemos que a maldade continuava e o desígnio do coração era continuamente mau.

Provavelmente a pior fase desta narrativa é a atitude dos líderes (Gn 6:2). Eles se chamavam a si mesmos Filhos de Deus.¹⁶ Eles falam como se Deus não estivesse no controle e também agem como Deus e tomam as responsabilidades de Deus, como se fossem seus filhos. Deus não poderia mais agüentar esta situação e então Ele os destrói com o dilúvio.

Com o remanescente desta destruição, Noé e sua família, Deus começa aquilo que poderia ser chamado de a "re-criação". Os paralelos entre a criação original e esta não é somente simbolismo, mas um paralelo nas próprias palavras de Deus. O mesmo caos em água aparece nos dois episódios. Mas o mais imprescindível é que o "Mandado Cultural" é repetido em Gn 9:1. Isto é um sinal claro de um novo começo. Infelizmente é a história do homem tentando tomar outra vez lugar de Deus. O propósito é claro: *eles querem uma cidade que engrandeça o nome deles, ao invés de irem, através da Terra, como Deus ordenara (Gn 11:4).*

Este estado de apostasia se tornou mais uma vez insuportável para Deus. Entretanto, Ele se mantém fiel a sua Aliança com Noé e não destrói o povo. Deus apenas promove uma confusão na língua deles, de maneira que eles abandonam aquele projeto e fazem aquilo que eles deveriam ter feito desde o começo (Gn 11:6-7).

Como podemos perceber, a Escritura fala amplamente da cidade. Ela é uma realidade com a qual a igreja deve se preocupar. A reflexão cristã sobre a cidade deve ser uma prioridade por parte da igreja. A história, a geografia, a sociologia, o urbanismo, para não mencionar as ciências afins, estudam a cidade. Penso que não seria muito que a teologia também a estudasse.

⁸ Ver a minha discussão a respeito do casamento dos filhos de Deus com as filhas dos homens em *Revelação Messiânica no Velho Testamento*, 109-110.

¹⁵ Van Groninger. *Criação e Consumação*. São Paulo, SP: Cultura Cristã. , p.

¹⁶ Kline, *Op Cit.*, p. 83

A igreja é enviada também às cidades, não para assimilar-se a ela, mas para transformá-la, para libertá-la de seus pecados.¹⁷

A missiologia urbana, num contexto religioso como o nosso, não pode dispensar a reflexão bíblica, mesmo que as cidades das quais falam os Textos Sagrados pouco ou nada tem a ver com as nossas metrópoles. Seria um erro de análise transpor características das cidades referidas na Bíblia, no entanto não podemos ignorar a história, se quisermos atuar numa perspectiva cristã. A seguir algumas cidades que se destacam nas páginas da Escritura, com alguma informação sobre elas:

1) Sodoma (Gn 18.19): Uma das cinco cidades da planície do Jordão. Estudando esta cidade, percebemos que existe uma relação entre a presença dos fiéis e a preservação da cidade. No caso de Sodoma, se houvessem nela 10 justos, Deus não a destruiria. Há um princípio aqui: o maior mal das cidades não é ambiental, mas sim espiritual e está dentro das pessoas. Em Ez 16. 49-50, temos a causa da destruição de Sodoma por Deus: *“Soberba, fartura de pão e próspera tranquilidade teve ela e suas filhas; mas nunca amparou o pobre necessitado. Foram arrogantes, fizeram abominações diante de mim”*.

2) Babilônia: A capital do império babilônico, fundada por Nimrod (Gn 10:10), localizada às margens do rio Eufrates. Pelos registros do Antigo Testamento sabemos que foi para esta cidade que Deus enviou os melhores jovens para exercerem atividades dentro das estruturas do palácio, durante o cativeiro babilônico. Estes jovens assimilam a cultura da cidade, mas separam perfeitamente sua fé e suas convicções das crenças e costumes desse reino (Dn 1.8-17). Daniel realiza uma obra de assessoria espiritual. Torna-se um estadista com princípios éticos elevados.

A Babilônia simbolizava através das Escrituras a cidade completamente dominada por Satanás. Ela é citada pela primeira vez em Gêneses 11 na decisão humana de construir a Torre de Babel. No nosso contexto a cidade é Babilônia, símbolo da civilização com sua pompa e com tudo organizado para ser contra Deus, William Hendricken comenta: *“Uma cidade que fascina, que tenta, que seduz e arrasta as pessoas para longe de Deus”*¹⁸. Uma cidade mundana, louca por prazeres, arrogante e presunçosa. A descrição da Babilônia (Ap 17 a 19), nos faz lembrar de Tiro (Ez 26-28), um centro pagão de impiedade e sedução, uma grande metrópole industrial e comercial. Babilônia indica um mundo como um grande centro de progresso, de comércio, de arte, de cultura. Simboliza a concentração da luxúria, do vício, dos encantos deste mundo. É o mundo visto como a personificação da concupiscência da carne, da concupiscência dos olhos e da soberba da vida (I Jo 2.16)

3) Nínive: Era uma grande cidade para a época, com mais de 120 mil habitantes¹⁹ (Jn 4.11), capital de um poderoso império que durou por volta de 1.500 anos. Mas toda a riqueza e glória dessa cidade provocaram a ira de Deus, já que foram conseguidas através da opressão e da guerra.

Roger Greenway comenta:

Toda a vida política ou econômica da cidade se baseava na agressão militar, na exploração de nações mais fracas e no trabalho de escravos. O profeta Naum não poupou adjetivos negativos ao descrever esta traidora de nações e cidade de

¹⁷ COMBLIM, José. Teologia da Cidade. São Paulo, SP: Editora Paulinas. 1991. p.60

¹⁸ HENDRIKSEN, William. Mais que Vencedores. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã. 1997 p.12

¹⁹ Samuel J. Schultz em *História de Israel no Antigo Testamento*, p.364, afirma que E.B.Pusey na obra *The Minor Prophets*, vol. I (Nova Iorque: Funk and Wagnalls, 1885), p.426, “calcula a população de Nínive em 600 mil habitantes” .

sensualidades (Na 3.4). Nínive era mestra de feitiçarias e uma capital do vício. Suas obras artísticas haviam sido pervertidas por obscenidades, sua cultura pelos ídolos, e sua beleza pela violência. Chamavam-na de cidade sanguinária` (Na 3.1), porque o despojo haviam-na enriquecido (tradução nossa).²⁰

A maldade da cidade provocou a ira de Deus. Greenway acrescenta:

O pecado da cidade era pessoal, pois o cometiam pessoalmente os milhares de habitantes de Nínive. Era também pecado coletivo, porque somada em sua totalidade a vida de Nínive, seu selo era: maldade. Ao sobrevir o castigo, afetaria a cada um.²¹

Lendo os livros dos profetas Jonas e Naum observamos dados importantes sobre Nínive. A preocupação de Deus de salvar a população dessa cidade, que estava fora da Palestina, é prova de que de fato a salvação é universal.²²

Deus providencia o profeta Jonas com uma mensagem de chamada ao arrependimento. Embora não houvessem boas relações entre os israelitas e os assírios, Deus queria um missionário em Nínive, a qual era a principal cidade dos sistemas urbanos do mundo de então. O profeta foi e pregou percorrendo toda a cidade. Seus habitantes arrependeram-se de seus pecados e Deus aceitou o arrependimento, desistindo de destruir a cidade.

4)Jerusalém: Jerusalém é uma das cidades mais famosas do mundo. Data do segundo milênio A.C. no mínimo; e atualmente é considerada sagrada pelos adeptos das três grandes religiões monoteístas: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo.²³

Embora Jesus tenha pregado em diversas cidades como Cafarnaum, Nazaré, Betânia, Jericó e outras, seu propósito final era Jerusalém (Lc 9:51), a cidade de Davi, a cidade da paz. O conceito de Jerusalém para os judeus como cidade santa, exige um estudo mais detalhado, mas este não faz parte do nosso propósito aqui. Contudo, é mister registrar que é em Jerusalém que Jesus enfrentou os poderes estabelecidos, tanto o religioso quanto o institucional. É a mesma Jerusalém que ele quis aconchegar com afeto materno (Mt 23:37), é nela que com Ele se repete o mesmo destino dos profetas (Mt 23:34). Sua morte se dá fora da cidade, mas o impacto causado não deixou o ambiente urbano sossegado. Guardas foram deslocados para o sepulcro, discípulos de trancam com medo, a cidade se contorce em comentários que depois se transformam em silêncio. Porém, tal silêncio é quebrado pela ressurreição. Jerusalém volta a ser atingida por Jesus, a notícia alvoroça a cidade e à seus líderes mais do que nunca. Em Jerusalém, cidade de Davi, o Messias acabava de implantar o seu reino e reconquistar o poder sobre tudo e todos. O Espírito Santo veio aos apóstolos em Jerusalém no dia de Pentecostes, dando-lhes a capacidade de pregar o evangelho.

Em Apocalipse 21 lemos sobre a “Nova Jerusalém”, que é a Cidade Santa, a Noiva de Cristo, a Igreja Triunfante, a Esposa do Cordeiro. A Bíblia começa com um jardim e termina com uma cidade.

²⁰ GREENWAY, Roger; Monsma, Timothy M. *Cities – Mission’s New Frontier*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House. 1989. p. 20

²¹ Greenway. Op Cit., 20

²² Universal no sentido de que a salvação é para todos os povos e não apenas para os judeus.

²³ Cf. O Novo Dicionário da Bíblia.

O contraste entre estas duas cidades e a Nova Jerusalém é claro. *Enquanto estes tiranos opressores usam as cidades para a sua própria glória e propósito, na Nova Jerusalém os reis da Terra vêm para apresentar a glória de Deus.* (Ap 21:24). **O propósito de Deus jamais falha. Na Nova Jerusalém Deus claramente demonstra o seu propósito escatológico para a cidade.**²⁴ A cidade era para ser um lugar onde os reis viriam para exaltar o Rei dos Reis e não para elevar a si próprios.

Contraste Entre a Cidade dos Homens e A Cidade de Deus

Na Nova Jerusalém “*as nações andarão mediante a sua luz*” (Ap 21:24). Jamais haverá noite naquela cidade (Ap 21:25). **Que contraste em relação as cidades construídas pelos homens.** *Mesmo durante o dia era perigoso andar pelas ruas por causa do despotismo daqueles que tomaram o lugar de Deus naquela cidade.* Não havia segurança para aqueles que estavam oprimidos. **É inclusive possível dizer que até durante o dia na cidade dos homens, é sempre noite.** As ameaças da noite estão sempre presentes. Na Nova Jerusalém, entretanto, as nações **podem caminhar livremente, porque as luzes da cidade vêm daquele que a construiu: Deus.** Não há ameaça nas ruas da Nova Jerusalém, por isto seus portões estão sempre abertos. Não há mal na cidade, somente aqueles que podem viver diante da glória de Deus a esta cidade pertence. Conseqüentemente, a Nova Jerusalém é somente para aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida.²⁵

5) Antioquia da Síria: Antioquia foi a cidade onde a fundação para a missão mundial foi estabelecida para alcançar os confins da terra. Ela era uma cidade cosmopolitana, a metrópolis da Síria. Em 27 DC ela tornou-se a capital da Síria, sendo um importante centro comercial e ações militares, Antioquia tornou-se em um influente centro urbano, uma cidade (polis) Helenística e a terceira cidade do Império Romano. Ela era a terceira maior cidade do Império Romano. Sua população, no primeiro século, estava estimada entre 300.000 e 450.000 habitantes.

Sua população era mista formada de gentios e de judeus. Após o martírio de Estevão, os cristãos fugiram para Antioquia e pregaram ali o evangelho, primeiramente aos judeus que falavam a língua aramaica e depois aos judeus que falavam o grego. Barnabé foi enviado pela igreja de Jerusalém para ali trabalhar. Depois de algum tempo, foi buscar Paulo em Tarso. Ambos evangelizaram em Antioquia por um ano e meio. Nessa cidade os seguidores de Cristo foram pela primeira vez chamados de cristãos (At 11.19-26). Boa liderança na igreja ali se desenvolveu (At 13.1). Em tempo de fome em Jerusalém, os cristãos de Antioquia enviaram ajuda (At 11.28-30) e nas questões sobre a circuncisão dos gentios convertidos, submeteram o assunto à igreja-mãe em Jerusalém (At 15).

A igreja de Antioquia foi o ponto de saída e o ponto de chegada das viagens missionárias de Paulo. Ali Paulo repreendeu Pedro por discriminar os gentios. “A cidade conservou a sua grande opulência e a igreja continuou a crescer enquanto durou o Império Romano”²⁶

²⁴ Rissi, Mathias. *The Future Of The World*. Naperville: R. Allenson Inc. 1966, p. 53

²⁵ Mounce, Robert H. *The Book Of Revelation*. The New International Commentary Of The New Testament. Grand Rapids: Eerdmans.1977, p. 385

²⁶ DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. Rio de Janeiro, RJ: Ed Juerp. 1985. p. 41

6) Corinto: Cidade portuária da Grécia. Extremamente cosmopolita. O comércio era muito desenvolvido. Os jogos atléticos, chamados *Jogos Ístmicos*, se sobressaíam aos das demais cidades. Os teatros abrigavam milhares de pessoas. “Templos, santuários e altares pontilhavam a cidade. Mil prostitutas sagradas se punham à disposição de qualquer um no templo da deusa Afrodite”²⁷. A vida imoral dos coríntios deu origem ao verbo “corintianizar”.

No ano 52 d.C. o apóstolo Paulo chegou a Corinto e lá evangelizou por um ano e meio (Atos 18:1-18). Uma congregação foi fundada. Paulo residia na casa de Áquila e Priscila, líderes colaboradores. Apolo substituiu Paulo no trabalho da igreja. Não era de se admirar que uma igreja em meio a uma sociedade tão paganizada tivesse tantos problemas. Nessa congregação, entre todas as congregações fundadas por Paulo, surgiu a questão de falar em línguas. Paulo escreveu três cartas à congregação de Corinto, tendo uma se perdido.

Apesar das dificuldades enfrentadas, a igreja cresceu. “No segundo século, o bispo dessa igreja exerceu grande influência na igreja em geral”²⁸

7) Atenas: Nome da capital da Ática, um dos estados da Grécia. “Esta cidade foi o centro luminoso da ciência, da filosofia, da literatura e da arte do mundo antigo”²⁹. Em Atenas a idolatria era excessiva. Havia muitos altares e, entre esses, um ao “*deus desconhecido*” (At 17.23), o que Paulo sabiamente usou para referir-se “ao Deus que fez o mundo” (At 17.24).

Foi na segunda viagem missionária que Paulo esteve em Atenas. O evangelista Lucas narrou:

Revoltava-se nele seu espírito, vendo a cidade cheia de ídolos. Argumentava, portanto, na sinagoga com os judeus e os gregos devotos, e na praça todos os dias com os que encontrava ali (At 17.16-17).

Os filósofos epicureus e estóicos debateram com Paulo. Os epicureus não reconheciam um criador. A doutrina dos estóicos era panteísta. “Faziam distinção entre matéria e força e davam-nos como sendo o princípio das coisas, do universo. A matéria era o elemento passivo, e a força, um elemento ativo”³⁰. Os ouvintes de Paulo “chegaram a pensar que Jesus e a ‘ressurreição’ fossem duas divindades com as quais não estavam familiarizadas”³¹. Em Atenas teve pouco resultado numérico o trabalho evangelístico realizado por Paulo, embora não sofresse nenhuma perseguição religiosa.

8) Roma: a Grande Metrópolis³²: Tradicionalmente fundada em 735 a.C.³³ Tendo o apóstolo Paulo visto o seu trabalho pioneiro-estratégico praticamente concluído no eixo Jerusalém-Roma, ele agora volta os seus olhos para a capital do império com o intuito de torná-la o novo celeiro base de ação missionária (Rm 15:24). Roma, do primeiro

²⁷ GUNDRY, Robert H. *Panorama d Novo Testamento*. São Paulo, SP: Ed Vida Nova. 1985. p. 309

²⁸ DAVIS, Op Cit. P. 128

²⁹ DAVIS, Op Cit., p.61

³⁰ Davis, Op Cit., pp.188-189 e 199

³¹ Gundry, Op Cit., p 268

³² Rev. Sérgio Paulo Ribeiro Lyra . *Uma Teologia da Cidade Na Perspectiva do Novo Testamento*. Extraído do site: <http://www.missioidei.com.br/> capturado em 01 de novembro de 2004

³³ O Novo Dicionário da Bíblia.

século, era uma cidade incomum. Ela possuía mais de um milhão de habitantes e foi a primeira cidade na história a atingir este número. Registra-se que ali haviam bairros de mansões soladas, apartamentos de classe-média e "cerca de 4.600 prédios de aluguel, muitos deles com oito ou dez andares". Apesar do tamanho da cidade de Roma, a sua igreja não era tão expressiva como a de Antioquia. Contudo marcou a sua presença na cidade. O Evangelho chegou até a capital, provavelmente, por meio de gentios romanos convertidos que estavam no dia de pentecostes em Jerusalém (At 2:10).

Embora, inicialmente, não se tenha conhecimento de que Roma tenha sido impactada pelo evangelho, a cidade se tornaria o palco de grandes eventos da história do cristianismo. Quer seja pelas perseguições cruéis, martírios e crimes, quer seja pelo crescimento da igreja perseguida que depois de torna *regio licita*, e por fim se projeta como a igreja do imperador, com a conseqüente ascensão da importância e proeminência do cargo de bispo, principalmente o de Roma.

Muito há o que se aprender em termos missiológicos com a cidade de Roma, e não foi à toa que Paulo a elegeu como nova fronteira missionária. A perversidade de instituições corruptas de uma cidade cosmopolita, egoístas e corrompidas pelo poder e pela dominação, se apresentam como um grande desafio e oposição à tarefa missionária. A expansão do cristianismo em uma cidade, transforma o *modus vivendi*, assim como se deu em Roma que antes perseguia, e matava cristãos até por diversão, se torna sua seguidora e divulgadora. Uma séria advertência aqui necessita ser feita, tais transformações na cidade não podem ser vista integralmente como verdadeiras, apenas pela ação do evangelho. A mesma cidade de antes, agora se disfarça, e suas instituições se "convertem" por conveniência ao status quo. O nominalismo e a hipocrisia escondem as mesmas perversas estruturas antes aterradoras, e agora atuantes, utilizando-se de outras e novas roupagens.

Nas palavras do missiólogo Linthicum, passamos a ter a "cidade com aparência de Deus, mas com alma de Satanás".

Assim, cidades são fronteiras missionárias onde, ao passo que o reino se expande, a resistência se acirra ou se disfarça para continuar presente. É em Roma, projeto da nova base missionária de Paulo, que ele fica preso, é julgado e executado.

9) As cidades no ministério de Jesus: As cidades tiveram uma grande importância em seu ministério. Jesus nasceu na vila de Belém. Foi criado na cidade de Nazaré, que na época teria de 15 a 20 mil habitantes.³⁴ A maior parte da população de Nazaré era de gentios e por isso, uma cidade desprezada. Mas foi justamente numa sinagoga de Nazaré que “Jesus estabeleceu suas credenciais messiânicas”³⁵ ao apresentar seu programa de missão quando leu em Is 61.1-2 e 58.6:

O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor (Lc 4.18-19).

³⁴ BARRO, Jorge H. *De Cidade Em Cidade – Elementos para uma teologia bíblica de missão urbana em Lucas-Atos*. Paraná, Londrina: Ed. Descoberta, 2002. p. 47

³⁵ Orlando Costas, em *Christ Outside the Gate*, NY: Orbys Books, 1982:55, citado por Barro, Op Cit., 46

Depois que Jesus tornou pública sua missão, “desceu a Cafarnaum, cidade da Galiléia” (Lc 4.31). Cafarnaum estava localizada junto ao Mar da Galiléia, tendo inúmeras indústrias ligadas à pesca. Era uma das mais importantes cidades da província.

“Estava localizada em um lugar extremamente estratégico, às margens de uma rota internacional de comércio que ligava Egito, Palestina, Síria e Mesopotâmia”³⁶. Em Cafarnaum Jesus ensinou, ajudou e curou pessoas. Nessa cidade ‘fixou residência’, partindo dali para outros lugares.

O ministério público de Jesus é resumido em Mt 9.35: “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades”.

Pregar a palavra do Pai nas cidades fazia parte da estratégia evangelística de Jesus. Ele disse: “É necessário que anuncie o evangelho do reino de Deus também às outras cidades, pois para isto é que eu fui enviado” (Lc 4.43). Jesus era aquele “que andava de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus” (Lc 8.1) e vinha “ter com ele gente de todas as cidades” (Lc 8.4).

V. CARACTERÍSTICAS E PROBLEMAS DO HOMEM URBANO

5.1 Características do Homem Urbano

5.1.1 Características psico-sociais:

- **Anonimato** – Esta é a primeira característica descrita por Cox no seu clássico “A cidade secular”³⁷ ao se referir à face da cidade. Em geral as pessoas se horrorizam diante da impessoalidade e pela perda da identidade que a cidade traz. Pessoas podem perder toda sua identidade personalidade no meio da correria diária, e dos intermináveis números. “Solidão é indubitavelmente um sério problema na cidade”³⁸
- **Alienação** – Neste caso, percebe-se que a pessoa não passa de um número, e que os encontros normalmente são feitos de forma esporádica e sem desejo de aproximação. O homem urbano se distancia facilmente do outro. A falta de intimidade e distanciamento nos grandes centros e grupos. Você pode morar no mesmo prédio e não conhecer quem mora em frente à sua casa. Exemplo pastor do Rio de Janeiro que mudou-se para o interior por medo da alienação da grande cidade.
- **Isolamento** – Diante da constante mobilização, as pessoas são sempre muito diferente mesmo na vizinhança. Muitas estão constantemente se mudando. Alguém por perto não significa “proximidade”.
- **Despersonalização** – indivíduo tratado como número e coisa. Tente acessar seu banco, sua conta na internet. Você estará sendo sempre identificado pelo número

³⁶ BARRO, Op Cit, p 54

³⁷ Cox, Harvey – The secular City, pg 37

³⁸ Cox, idem, pg. 39

que tem. A Bíblia diz que mais vale o bom nome do que as muitas riquezas, mas na cidade, mais vale um bom número.

A atmosfera impessoal dos grandes centros urbanos, produzindo uma terrível solidão. Os lugares de maior solidão no mundo não são “o deserto Saara e a Amazônia, “ mas sim os grandes centros urbanos. Pessoas que moram nos grandes complexos de apartamentos não conhecem seus vizinhos e raramente conversam entre si. Proximidade geográfica, por si só, não produz comunhão ou relacionamentos fraternos (Sl 25.16).

5.1.3 Características morais e religiosas :

- a) Ele tem a tendência a ser um cristão nominal.
- b) Ele é tendente a ter padrões morais relaxados.
- c) Ele tem inclinação à auto-suficiência.
- d) Posmoderno³⁹

5.1.4 Características cívicas e políticas :

- a) Ele tem a consciência política mais acentuada.
- b) Ele tem a tendência de ser influenciado por grupos de pressão.

5.2 Problemas do Homem Urbano

5.2.1 Problemas econômicos: O grande êxodo rural tem inchado as cidades, provocando o baixo nível econômico de vida. O desemprego tem crescido e consequentemente as pessoas têm apelado para o emprego informal. A habitação não tem sido suficiente para todos, ocasionando o surgimento de casebres e favelas⁴⁰. O saneamento básico não tem acompanhado esta expansão rápida e descontrolada. Epidemias têm surgido com mais facilidades. (*Dados da FGV mostram que 33% da população brasileira é constituída de miseráveis e que para erradicar a pobreza bastaria apenas a contribuição de R\$14,00 por cidadão que está acima da linha da pobreza*).

São Paulo também tem grande quantidade de favelas e as estimativas mais recentes indicam que há na cidade 2018 favelas cadastradas, nas quais vivem aproximadamente

³⁹ A pessoa urbana vive numa época denominada de pós-modernidade. Jair Ferreira dos Santos (1991:8) descreve assim a pós-modernidade: O nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção se encerra o modernismo (1900-1950) [...] Nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50, toma corpo com a arte Pop nos anos 60, cresce ao entrar pela filosofia durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental e amadurece hoje, abstraindo-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecno-ciência (ciência + tecnologia) invadindo o cotidiano desde alimentos processados até microcomputadores.

⁴⁰ A origem do termo se encontra no episódio [histórico](#) conhecido por [Guerra de Canudos](#). A cidadela de Canudos foi construída junto a alguns morros, entre eles o Morro da Favela. O Morro de Favela possui este nome porquê o morro era coberto de uma planta, chamada de favela. Os soldados que foram lutar na região, ao voltar ao Rio de Janeiro, em um certo momento deixaram de receber seu soldo e passaram a morar em construções provisórias instaladas em alguns morros da cidade, juntamente de outros desabrigados. A partir daí, estes morros passaram a ser conhecidos como favelas, em referência à "favela" original.(Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Favela>. capturado em 04/05/2006)

1.160.516 habitantes. (**Rocinha** é a maior favela do Rio de Janeiro contando com mais de 60.000 habitantes)⁴¹

A migração da população rural para o espaço urbano em busca de trabalho, nem sempre bem remunerado, aliada à histórica dificuldade do poder público em criar políticas habitacionais adequadas são fatores que têm levado ao crescimento dos domicílios em favelas. Dados do Ministério das Cidades, apoiados nos números do Censo 2000 do IBGE, apontam que entre 1991 e 2000, enquanto a taxa de crescimento domiciliar foi de 2,8%, a de domicílios em favelas foi de 4,8% ao ano. Entre 1991 e 1996 houve um aumento de 16,6% (557 mil) do número de domicílios em favelas; entre 1991 e 2000 o aumento foi de 22,5% (717 mil).

Dentro deste aspecto, vale citar a influência que Calvino teve na área social em Genebra. Tal influência e contribuição levou Graham a considerar Calvino como o teólogo de maior influência para o contexto urbano de sua época, ao defender que "todo empreendimento humano está marcado com o mal, contudo isto nos impulsiona com o propósito de fazer o evangelho relevante na cidade de comércio na qual vivemos e trabalhamos.". Dentre o muito que foi conseguido pela participação marcante do reformador em Genebra na área sócio-econômica podemos destacar 12 itens:⁴²

- Assistência social aos necessitados sem discriminação de nacionalidade.
- Ajuda e cuidado com a saúde popular através de um programa de visita médica domiciliar.
- Esforços do governo na capacitação profissional.
- Combate ao desemprego com oferta de trabalho pelo governo.
- Ênfase no amparo aos pobres, idosos e desamparados.
- Luta contra a insolência do luxo em relação aos pobres.
- Exemplo de simplicidade por parte dos reformadores-líderes públicos.
- Limitação dos juros nos empréstimos.
- Forte combate à especulação.
- Ataque frontal à escravidão.
- Combate a bebedice e proliferação das tavernas.
- Grande esforço na educação de todos.

Rev. Sérgio Lira também faz breve menção sobre a liderança de Calvino na área da educação. Diz ele:

Em Genebra a sua grande marca educacional ficou indelével através da criação da Academia. Essa escola possuía dois níveis, o fundamental que era conhecido como *escola superior ou pública*, e o segundo era o inferior ou *escola privada* equivalente ao nosso terceiro grau. A Academia de Genebra foi fundada em 1559 e Calvino convidou Teodoro Beza para ser o seu primeiro reitor. Essa escola veio a tornar-se o seminário do calvinismo e o modelo para várias outras universidades que foram lideradas por grandes nomes, ex-alunos da Academia de Genebra. No ano da morte de Calvino a escola tinha 1.500 alunos matriculados, onde a maioria era de estrangeiros. A escola de primeiro

⁴¹ MINISTÉRIO DAS CIDADES. "Política Nacional de Habitação." Cadernos do MCidades Habitação vol 4. Brasília: MCidades, 2004. p.13

⁴² LIRA, Sérgio Paulo Ribeiro. Em seu artigo João Calvino: Sua Influência na Vida Urbana de Genebra in: http://www.monergismo.com/textos/historia/calvino_genebra_sergio.htm capturado em 28/12/05

grau possuía 1.200 alunos, e a universidade 300 estudantes de teologia, direito e medicina⁴³

5.2.2. *Problemas Sociais ou violência urbana:*

- Crimes contra a vida: homicídio - assassinato, infanticídio, aborto ,latrocínio (assassinato com objetivo de roubo), lesão corporal (ataque à integridade física de outra pessoa)
- Crimes contra a honra: injúria (ofensa verbal, escrita ou encenada), calúnia (falsa atribuição de cometimento de crime a alguém), difamação (propagação desabonadora contra a boa fama de alguém).
- Crimes contra o patrimônio: furto (subtração de coisa alheia), roubo (subtração de coisa alheia mediante violência), dano (danificação de coisa alheia), extorsão (extorsão mediante seqüestro)
- Crimes contra os costumes: estupro, corrupção de menores (indução de menor a práticas sexuais), rapto de mulher.⁴⁴

Local	Motivo	Tempo	Mortos
Peru	Guerrilha	7 anos	25.000 cidadãos
Vietnã	Guerra	7 anos	56.000 americanos
Rio de Janeiro	Violência urbana	7 anos (85-91)	70.000 cidadãos

Revista Conjuntura Economica - Fundação G.V. 02/94

5.2.3 *Problemas na Família:* A desintegração da família tem aumentado com os meios de comunicação, incentivando a infidelidade conjugal. Os filhos pequenos, muitas vezes, ficam sós ou com pessoas que não têm condições de educá-los, enquanto os pais trabalham fora. Separações de casais têm crescido e se tornado algo comum.⁴⁵

“A Igreja é chamada a assumir a sociedade urbana, não por oportunismo religioso, mas por vocação (...) Seu papel consiste em criar o povo de Deus a partir da cidade”.⁴⁶

5.2.4 *Problemas psicológicos:* Estes e outros problemas acarretam a instabilidade emocional. As pessoas sentem-se inseguras, ficam ansiosas, aumenta a incidência da depressão.

5.2.5 *Problemas espirituais e morais:* Nunca ocorreu com tão grande intensidade a proliferação de seitas religiosas. Muitas fazem promessas vãs, mais confundindo do que ajudando. Seitas espiritualistas têm recebido mais credibilidade. O

⁴³ Idem

⁴⁴ Cf. MORAIS, Regis. **Que é violência urbana.** Sao Paulo : Brasiliense, 1985 p. 121

⁴⁵ A *Revista Isto É* de setembro de 1994 traz uma reportagem de 6 páginas intitulada "Barriga de Anjo", na qual trata da gravidez na adolescência. Essa reportagem mostra os assombrosos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) dando conta de que: "...um milhão de meninas de 15 a 20 anos dão à luz no Brasil por ano.. Elas são responsáveis por 20% do total de nascimentos. Enquanto mulheres entre 21 e 49 anos diminuem a cada ano sua contribuição no total de nascimentos, os casos de mães precoces triplicaram da década de 80 para cá.(p.69)

⁴⁶ Comblin, Jose – Teologia da Cidade. São Paulo, Paulinas, 1991, pg 19

esoterismo ganha cada vez mais adeptos. Pessoas, sem estruturas emocional e espiritual, tornam-se facilmente presas do alcoolismo, de drogas inaláveis e injetáveis e outros vícios desagregadores. A corrupção sexual aumenta e quadrilhas se organizam a fim de aliciar menores para o “turismo sexual”. Cidade é cenário de luta espiritual. Milhares de pessoas são vítimas de religiões falsas, de seitas e grupos espiritualistas, em busca de sentido e identificação.

5.2.6. *Problemas educacionais*: Nem todos têm acesso a boas escolas. E quando têm, a necessidade de trabalhar fora do lar bem cedo impede de continuarem os estudos. A pessoa de pouca leitura e reflexão pode ser mais facilmente manipulada pelos meios de comunicação de massa, os quais podem influenciar com uma cultura enlatada as pessoas.

Algumas dificuldades:

- O baixo salário dos professores
- Pressão econômica daqueles pais que necessitam do trabalho das crianças.
- Falta de boas universidades e dificuldades no acesso a estas (principalmente nos países mais populosos e menos desenvolvidos).
- Evasão escolar antes do término do ensino Fundamental.
- Elevado número de jovens e adultos que não concluíram a escolarização em idade regular.

VI. OBSTÁCULOS PARA O CRESCIMENTO DE IGREJAS URBANAS

Nós concordamos que a evangelização é um imperativo de Cristo para a sua igreja, contudo, não são poucas às vezes que nos sentimos impotentes, desanimados e vencidos diante de tamanha responsabilidade. De fato, mesmo cômicos de nosso dever, da assistência divina e dos frutos, ainda assim, não deixamos de reconhecer as barreiras que se levantam e nos intimidam ou amedrontam quando pensamos em evangelizar.

Precisamos reconhecer barreiras reais⁴⁷ e contrapô-las com os recursos dispostos por Deus ao nosso alcance. Se muitas forem as barreiras, suficiente e superior será o auxílio divino para transpô-las, nos concedendo vitórias e nos fazendo efetivos instrumentos de proclamação das Boas Novas da Salvação em Jesus Cristo.

1. Diabo. Satanás, com seus anjos maus, procura impedir o crescimento da igreja em qualquer lugar. John T. Mueller exemplifica as artimanhas destes inimigos da igreja de Cristo:

- a) continuamente procuram destruí-la por investidas em geral (Mt 16.18);
- b) tentam impedir que os ouvintes recebam a Palavra de Deus (Lc 8.12);
- c) disseminam doutrina errônea (Mt 13.35; 1 Tm 4. 1s); e
- d) incitam perseguições ao reino de Cristo (Ap 12.7 [...] No intuito de arruinar a igreja, o diabo causa transtornos também ao estado político (!Cr 21.1; 1 Rs 22.21-22), e ao estado doméstico (1 Tm 4.1-3; 1 Co 7.5; Jó 1.11-19).

⁴⁷ As barreiras que estudaremos a seguir, algumas foram extraídas e adaptadas da obra de Jerram Barrs, *A Essência da Evangelização*, Editora Cultura Cristã. São Paulo. 2004

2. A Relativização de absolutos: Vivemos dias em que os absolutos são descartados. A verdade tornou-se subjetiva e pessoal, cada um tem sua própria verdade. A liberdade individual e a felicidade pessoal são o alvo buscado e a justificativa de qualquer meio para se alcançar este fim. A nossa cultura perdeu a perspectiva de que existe uma lei moral transcendental que se aplica a todos e que rege o próprio equilíbrio das partes. Diz o insensato no seu coração: não há Deus. Corrompem-se e praticam abominação; já não há quem faça o bem. (Salmo 14.1)

“O Cristianismo é a única história que faz o nosso mundo ter sentido, que age como guia moral, que nos enche com uma esperança confiante dos nossos futuros individuais e o futuro da nossa raça e o deste mundo”, entretanto, a História Cristã perdeu seu significado para o homem moderno.

Entrementes, a relativização de absolutos, ou seja, você decide o que é verdadeiro segundo suas próprias concepções, tem rodeado e até mesmo invadido a igreja. Muitas das nossas convicções e fundamentos sobre os quais lançávamos princípios de vida estão abalados e sob suspeição. As incertezas sobre o teor da mensagem do Evangelho nos fazem recuar. Será que de fato cremos numa verdade? Ela poderá mudar derrubar os muros da incredulidade? Já não nos sentimos tão seguros quanto ao conteúdo de nossa pregação. Como combater a incerteza com incertezas?

“Devemos ter certeza de que nossa fé é de fato a verdade”. Para tanto, o conhecimento e estudo da Palavra de Deus é a fonte que nos prepara para que possamos estar “sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós”. (1 Pedro 3.15b), assim, “...procurai, com diligência, cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição...” (2 Pedro 1.10a).

3. Ausência de credibilidade da Igreja: Boa parte da população está decepcionada com erros diversos em igrejas como a exploração financeira, escândalos de líderes religiosos, o legalismo de certas igrejas que impõem aos seus adeptos leis humanas muito rígidas, tirando-lhes a alegria de viver.: Outra barreira que enfrentamos na evangelização urbana é o discurso da incoerência. A igreja tem desassociado a pregação do testemunho. A ética cristã tem se tornado extremamente maleável, adequando-se às circunstâncias. Os escândalos estão nos deixando constrangidos – porém, não envergonhados ou arrependidos – a nós já não pertence mais o “corar de vergonha” (Daniel 9.7b)

O evangelho está desacreditado porque perdemos o crédito de nosso comportamento perante a sociedade. É certo que não somos perfeitos e ao olharmos para o passado, veremos manchas na História que até hoje são evocadas e simplesmente nos enchemos de desculpas. Devemos assumir os erros que se registraram nos anais da história, atitudes humanas desprovidas de aprovação divina.

Mas, ao mesmo tempo em que devemos assumir nossos erros passados, devemos, também, tomar atitudes no presente para coroar o futuro, viver como luz do mundo e sal da terra, a fim de que os homens vejam nossas boas obras e glorifiquem a Deus (Mateus 5.13-16).

4. A perda da linguagem comum: A comunicação é uma importante conexão entre as pessoas e para que ela se efetive o transmissor da mensagem deve se fazer entender pelo

seu receptor, ou seja, minhas palavras devem estar adequadas à linguagem do ouvinte. Como costumamos dizer: “agora, estamos falando a mesma língua” - referência ao fato de terem se entendido. Isto, porém, tem se perdido nos dias atuais. “Mais e mais pessoas são bíblicamente analfabetas” – incluindo o meio evangélico. Devemos ter a sensibilidade para fazermos-nos entender na pregação, na proclamação de uma mensagem universal que é “para todos as nações, tribos, povos e línguas” em qualquer tempo ou lugar.

Devemos nos questionar sobre tais barreiras, reconhece-las tão somente não é suficiente, é preciso preparar-se para enfrenta-las, e temos recursos para isto, como afirma o apóstolo Paulo: “porque as armas de nossa milícia não são carnis e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas; anulando nós, sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo”. (2 Coríntios 10.4,5). Sendo, pois, praticantes da Palavra e não somente ouvintes (Tiago 1.22) o nosso testemunho falará mais alto que nossas palavras e esta é uma linguagem que todos compreendem, vida coerente.

5. Reação de Condenação: Quando nos sentimos acuados reagimos condenando a todos. A parábola do fariseu e do publicano (Lucas 18.9-14) ilustra o cuidado que devemos ter em relação a julgarmos-nos melhores do que outros. Se do “lado de fora” sentimos o cheirinho de enxofre nos “pecadores” e agradecemos a Deus por não sermos como eles, um perigoso sinal nos alerta contra a vaidade e arrogância espirituais. Não devemos julgar nossos inimigos, antes, amá-los. Se fosse possível tirar uma fotografia da realidade espiritual da alma humana e guardássemos a nossa, antes da conversão, veríamos que somos tal qual aqueles que desprezamos ou condenamos.

É neste tipo de arrogância que criamos uma subcultura cristã (mera presunção) que finalmente vai mudar as coisas, pensamos nós. Nos propomos a preencher os espaços políticos, culturais, sociais para subjugar o “ímpio”, mas para isso vale tudo que estiver ao nosso alcance, seja ético ou não, seja lícito ou não, seja honesto ou verdadeiro ou não. Nos tomamos maiores tiranos do que aqueles que foram “demonizados” por nós.

Devemos, como Cristãos, exercer nossa cidadania e contribuir ativa e conscientemente nossos direitos e deveres como cidadãos. Mas, também como Cristãos, devemos ter a percepção de que pertencemos uma “nacionalidade” que nos exige que vivamos segundo suas prerrogativas, como cidadãos do céu e neste exercício de cidadania a palavra amor e misericórdia estão entre os primeiros deveres.

6. Isolamento: Uma falsa idéia se opõe a uma evangelização ativa: “não pertencemos ao mundo devemos, simplesmente, nos isolar”. Somos a geração dos condomínios fechados, do shopping center, das grades de segurança, do espaço privado distante e protegido do espaço público. Reagimos, então, da mesma maneira, nos isolando em nossas casamatas (abrigos subterrâneos usados principalmente nas guerras) e criamos um novo conceito de “mosteiro social gospel” com uma placa na entrada: “proibida a entrada de estranhos”.

Não devemos amar ao mundo, é certo, disse o apóstolo João, mas, também somos o sal da terra. Imaginemos se podemos temperar um feijão colocando o saleiro em frente à panela. Devemos por o sal no feijão e suas propriedades suscitarão o efeito desejado.

Podemos criar espaços com certas peculiaridades, mas não nos escondermos em guetos evangélicos.

7. Separação: Uma outra barreira sutil e perigosa é a de nos separarmos das pessoas “de lá de fora” e restringir nosso círculo social aos “irmãos”. A senha poderia ser (e às vezes é), “a paz do Senhor” em caso de resposta satisfatória, então é bem vindo ao nosso meio, de outra forma, “as más conversações corrompem os bons costumes” (1 Coríntios 15.33 – interpretado fora do contexto). Olhemos para aquele que foi acusado de ser amigo de publicanos e pecadores (Lucas 7.34), que tocou em leprosos, que perdeu prostitutas, que se aproximou dos excluídos.

Já tentou conversar com alguém que não te olha nos olhos? Que estranha sensação. Como podemos pregar o evangelho que tem características tão evidentes de amor, misericórdia, perdão, reconciliação, adoção, aceitação? Seria muito difícil uma família adotar uma criança órfã sem permiti-la entrar em sua casa. Nós fomos adotados e recebidos na presença do Pai, que não faz acepção de pessoas (por isso nos aceitou), como poderemos testemunhar disto praticando o oposto da mensagem?

8. Paganismo: O paganismo está de volta á essa geração pós-moderna. As seitas e religiões espiritualistas ganham novos adeptos e seus conceitos não são questionados se verdadeiros ou sensatos, basta que faça a pessoa se sentir espiritual e se lhe é sensata e moral. Interessante notar aqueles que chamam cristãos de fanáticos e incultos, e no ápice de sua própria arrogância veneram e acreditam em superstições, pirâmides, objetos, fetiches, gnomos e duendes. São, na verdade, pessoas carentes de uma espiritualidade verdadeira e de um amor profundo, coisas que só encontrarão no Evangelho que a nós foi confiada a proclamação.

9. A insegurança urbana: Como já vimos, a violência tem aumentado nas cidades. Estatísticas revelam que em São Paulo no ano de 2001, os sequestros envolvendo pessoas de qualquer camada social aumentaram 600%. Assaltos nas ruas, arrombamento de residências e tráfico de drogas têm levado as pessoas a se trancarem em suas casas e duvidarem de todos.

Pelo poder da Palavra e do Espírito Santo, as pessoas são convertidas e integradas nas congregações. Porém, muitas vezes terão dificuldades para participarem de programações à noite, por falta de segurança.

10. Ativismo: O ativismo é outra barreira sutil e perigosa. Nos envolvemos em tantas atividades na igreja e ocupamos de maneira tal nosso tempo, que não nos sobra momentos de sociabilidade (muito importante no evangelismo pessoal). Falta-nos tempo para a família, parentes, vizinhos, etc. Algumas vezes, fazemos disso uma desculpa para “fugir” de determinadas atribuições. Mas, em meio à tantas “atividades inadiáveis”, somos exortados a buscar em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça (6.33).

11. Medo de testemunhar: Este medo pode se manifestar, por causa de algumas destas razões:

a) *Temor de ser rejeitado* - ao falar de Cristo, você se expõe, define sua posição, mostra em que valores você crê. Obviamente, a possibilidade de rejeição existe, e é muito maior do que a possibilidade de ser respeitado em suas convicções cristãs.

b) *Temor de ser um fracasso* - às vezes, não temos vergonha de testemunhar abertamente, mas tememos receber um "NÃO", ao tentarmos evangelizar alguém. Ou então, fracassarmos por não comunicarmos com clareza o plano da salvação.

c) *Temor de se contaminar com os incrédulos* - muitas pessoas, quando se converteram, foram erradamente instruídas a não cultivarem amizades com incrédulos. O desejo de santificação é muito positivo, mas algumas pessoas tem partido para radicalismos e exageros.

O crente ser sal e luz, dentro da comunidade doente (Mt 5:13-16). Devemos ter muito cuidado com o conceito de sermos separados do mundo (Jo. 17:11, 14,15). O crente deve conhecer os problemas do seu tempo, para manter conversas inteligentes. Saiba dialogar sobre outros assuntos, além da Bíblia. Paulo, em Ef. 4:17 diz: "não andeis como andam os gentios". Mesmo andando entre os incrédulos, não devemos viver como eles, mas podemos viver entre eles.

12. Não saber como comunicar o evangelho: Muitas pessoas nunca prepararam seu testemunho escrito. Outras pessoas, nunca estudaram nenhum plano bíblico para evangelização. Pode ocorrer também a falta de capacidade, de como iniciar uma conversa, que viabilize a pregação do Evangelho.

13. Falta de confiança: Outra barreira é a falta de confiança. De certa forma, ela tem um aspecto positivo, pois nos ensina a humildade e a dependência de Deus. Outro aspecto, porém, precisa ser retirado de nossos pensamentos. Tal obra não é resultante de mero esforço humano, conseqüentemente, Aquele que nos comissionou, também nos capacitará.

O apóstolo Paulo reconheceu-se fraco diante de tal missão. Escrevendo aos colossenses diz:

Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós, para que Deus nos abra porta à palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual também estou algemado; para que eu o manifeste, como devo fazer. Cl. 4:3,4

Se esta oração partiu dos lábios deste intrépido evangelista, não necessitaríamos também orar de maneira semelhante? Conhecer nossos temores e fraquezas é o ponto de partida para todo crescimento, porque esse conhecimento nos leva a orar por nós mesmos e requer de nós reconhecer, perante os outros, que não somos de maneira alguma adequados para as tarefas para as quais Deus nos chamou.

A oração humilde tem que ser nosso ponto de partida. Deus é compreensivo e gracioso e certamente suprirá nossas limitações, nos dispendo a ajuda necessária para “dissipar nosso medo e nos dar ousadia de coração e palavra”.

Quando vos levarem às sinagogas e perante os governadores e as autoridades, não vos preocupeis quanto ao modo por que respondereis, nem quanto às coisas que tiverdes de

falar. Porque o Espírito vos ensinará, naquela mesma hora, as cousas que deveis dizer. (Lucas 12.11,12)

XIII. ESTRATÉGIAS DE EVANGELIZAÇÃO URBANA

Sabemos que a conversão de indivíduos ao Cristianismo, sua busca e transformação operados pela ação do Espírito Santo, se dá apenas mediante a pregação da Palavra e a aplicação interna desta feita pelo Espírito Santo. Todavia devemos ter em mente que os meios que Deus utiliza para que a sua Palavra seja colocada e aplicada no coração dos seus eleitos faz uso de vários meios diferentes. Jerram Barrs sugere o seguinte quanto a este assunto:

À medida que começamos a fazer perguntas àqueles que chegaram à fé, vamos descobrindo quão fiel e pacientemente Deus trabalhou na vida deles para conduzi-los ao ponto de compromisso. Descobrimos também que Deus usa de uma infinita variedade de meios para atrair as pessoas a ele⁴⁸

Deus utiliza as características peculiares de cada um dos seus eleitos para chamá-los à salvação, afinal “como uma pessoa é única, assim também o caminho que Deus usa para atrair cada pessoa a ele é único”.⁴⁹ A seguir descreveremos algumas estratégias de evangelização que poderão ser utilizadas nas cidades.

1. Formar Equipes de oração: O nosso primeiro passo na Evangelização deve ser a humildade diante de Deus em reconhecermos quem somos e quem Deus é, e isso nos leva a reconhecer a nossa dependência do Senhor. Em outras palavras, “Começamos com um apropriado senso de humildade sobre o nosso papel e sobre nossa capacitação para o trabalho diante de nós, e essa humildade deve nos levar à oração.”⁵⁰ A Igreja precisa sentir o desejo de orar pelos ainda não convertidos.⁵¹

Um outro fator peculiarmente interessante é que

Deus nos colocou em ‘famílias’⁵² e ele alegremente utiliza esse meio mais natural para a extensão de seu reino. Então, começamos a orar por aqueles com quem vivemos e amamos. Estes, acima de todos, devem ser as pessoas por quem nos importamos mais profundamente e oramos por eles.⁵³

Uma outra frase interessante de Jerran Barrs é a que afirma que “*Oração sincera, apaixonada, poderosa deve brotar dos nossos corações em favor daqueles a quem amamos, e daqueles cujas vidas são ligadas conosco, na teia da existência diária.*”⁵⁴

⁴⁸ BARRS, Jerram. A essência da evangelização. Editora Cultura Cristã. São Paulo. 2004. Página 95.

⁴⁹ Ibid, página 95.

⁵⁰ Jerram BARRS, *A Essência da Evangelização*, p. 44.

⁵¹ Cf. uma bela frase de PIPER sobre a oração na nota 15 desse trabalho.

⁵² A família tem um lugar de destaque na sociedade em geral. Essa verdade é reconhecida até por pessoas que não pertenciam a família cristã, como é o caso do filósofo J. J. ROUSSEAU (1712 – 1788) que afirma que “*A mais antiga de todas as sociedades, e a única natural é a família.*” (ROUSSEAU, Jean – Jacques, (s/d). *Do Contrato Social e Discurso sobre a Economia Política*. Tradução de Márcio Pugliesi & Norberto de Paula Lima. 7 ed., Curitiba – PR, Hermus Livraria. p. 18).

⁵³ Jerram BARRS, *op. cit.*, p. 44.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 45.

Sem dúvidas um primeiro bom motivo para orarmos é “... pela obra do Espírito Santo nos corações e mentes daqueles que nos rodeiam. Sabemos que ele pode alcançar o íntimo, trabalhar suas mentes e corações, o que não podemos fazer.”⁵⁵ Mas, também devemos orar para que as portas se abram para nós, proclamadores da palavra de Deus. não devemos nos esquecer nunca que “Cristo prometeu reinar sobre as nações e sobre nossa vida pessoal por amor ao evangelho. Então podemos Ter certeza de que ele responde nossas orações quando lhe pedimos para abrir as portas à medida que construímos relacionamentos com pessoas.”⁵⁶ Por mais que as vezes pensemos que Deus demora em responder nossas orações, não podemos jamais nos esquecer das palavras de Pedro que afirma que o Senhor não retarda a sua promessa. (Cf. II Pe. 3: 8 – 9). Isso é o que nos consola e fortalece quando desanimamos na missão de pregar o Evangelho ou em alguma outra questão de ansiedade que temos no dia a dia.

É preciso orar por causa da extrema dureza do coração humano (Jr 3.17; 7.24; 11.8; 16.12; 18.12). O pecador tem “coração obstinado” (Is 46.12), “tendão de ferro no pescoço” e “testa de bronze” (Is 48.12). Ele carrega uma bagagem enorme de apatia, ignorância, cegueira, loucura, incredulidade, tradicionalismo, preconceito, soberba e servidão pecaminosa.

É preciso orar porque só Deus é capaz de fazer o mais difícil de todos os transplantes: “Tirarei do peito deles o coração de pedra e lhes darei um coração de carne” e “colocarei no íntimo deles um espírito novo” (Ez 11.19).

2. Testemunho pessoal: Cada cristão em particular, por ser parte da Igreja de Deus, tem a responsabilidade de se envolver no chamado missionário que Deus deu a Igreja.⁵⁷ Duas passagens em particular me que observamos os apóstolos convidando aos crentes para participarem do trabalho de evangelização. (Cl 4:5,6; I Pe 3:15,16)

É preciso viver o que se prega, senão a evangelização torna-se uma hipocrisia. Essa incoerência entre conduta e mensagem gera indignação, desprezo, zombaria, escândalo, incredulidade e rejeição.

Jesus deu muita ênfase à evangelização pelo exemplo, quando declarou francamente: “Vocês são o sal da terra para a humanidade; mas, se o sal perde o gosto, deixa de ser sal e não serve mais para nada; é jogado fora e pisado pelas pessoas que passam” (Mt 5.13, NTLH). No mesmo Sermão do Monte, Ele ensina que “uma cidade construída sobre a montanha não fica escondida” e “não se acende uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma caixa, mas sim no candelabro, onde ela brilha para todos os que estão em casa”. Em seguida, Jesus ordena: “Assim também, a luz de vocês deve brilhar para que os outros vejam as coisas boas que vocês fazem e louvem o Pai de vocês, que está

⁵⁵ BARRS, Jerram. **A Essência da Evangelização**. Tradução de Neuza B. da Silva. São Paulo – SP: Cultura Cristã. p. 47

⁵⁶ Jerram BARRS, *op. cit.*, p. 48.

⁵⁷ Acertadamente sobre este assunto afirma PIPER: “Deus está nos chamando, acima de tudo, para sermos o tipo de pessoa cujos temas são a sua total supremacia em nossa vida. ninguém será capaz de elevar-se à magnificência da causa missionária, se não sentir a magnificência de Cristo. Não haverá nenhuma grande visão universal sem um grande Deus. Não haverá nenhuma paixão para atrair outros à adoração, se não houver nenhuma paixão pela adoração.” (PIPER, Jonh. **Alegrem-se os Povos. A Supremacia de Deus em Missões**. Tradução de Rubens Castilho. São Paulo – SP: Cultura Cristã, 2001. p. 43 – 44).

no céu” (Mt 5.14-16, CNBB e NTLH). Somos agora o que Jesus foi no passado: “Enquanto estou no mundo, eu sou a luz do mundo” (Jo 9.5). A igualdade da missão de Jesus com a de seus discípulos aparece também na Grande Comissão: “Assim como tu me enviaste ao mundo, eu também os envie” (Jo 17.18).

Aos coríntios, Paulo assume que, “como um perfume que se espalha por todos os lugares, somos usados por Deus para que Cristo seja conhecido por todas as pessoas” (2 Co 2.14, NTLH). Tornamos o evangelho conhecido mais pelo perfume do que pela palavra. Abusando da figura, é possível acrescentar: mais pelo olfato do que pela audição. Foi por isso que São Francisco de Assis disse: “Evangelize sempre; se necessário, use palavras”.

Se o evangelho não alterou o nosso comportamento e continuamos iguais aos não convertidos, não temos como evangelizar, pois “a fé que não se traduz em ações é vã” (Tg 2.20)

3. Receptividade: Boa receptividade da parte dos membros é muito importante para com os visitantes à igreja. É necessário ter uma equipe treinada de recepcionistas, os quais darão atenção especial antes, durante e depois do culto aos visitantes e membros ausentes que retornam. Discretamente pode ser preenchida uma ficha com dados dos visitantes (nome, endereço, telefone, se aceita visita ou não) e esta ser entregue ao pastor ou à secretaria da igreja para que uma correspondência seja posteriormente enviada. Um cafezinho após o culto oportuniza a confraternização entre todos.

4. Grupos Familiares: É claro que os cristãos primitivos eram obrigados a fazer uso do lar, porque não lhes era permitido adquirir nenhuma propriedade, até o fim do século II. Não podiam, durante o governo de diversos imperadores, organizar grandes aglomerações públicas por causa das possíveis implicações políticas do ato. Em outras palavras, a Igreja nos três primeiros séculos de nossa era cresceu sem a ajuda de dois dos nossos mais estimados instrumentos: a evangelização de massa e a evangelização na igreja. Ao contrário disso, faziam uso do lar. No livro de Atos lemos acerca de lares usados extensivamente, como os de Jasão e Justo, de Filipe e da mãe de Marcos.

Algumas vezes tratava-se de um culto devocional, outras vezes, de uma tarde de encontro e doutrinação, ou mesmo de um culto de comunhão. Podia ser também um encontro para reunir novos conversos, ou uma reunião com a casa cheia de novos interessados. Reuniões de improviso também aconteciam.⁵⁸

O valor do lar em oposição ao culto mais formal da igreja, ou antes, como complemento dele, é óbvio. O lar possibilita fazer perguntas ao dirigente. Promove o diálogo. Torna possível distinguir as dificuldades. Facilita a comunhão. Pode, com extrema facilidade, desembocar numa ação e num serviço de caráter coletivo em que todos os diferentes membros do corpo desempenhem sua parte a contento. Igrejas iniciadas em casas é um dos modelos mais efetivos e comprovados para fazer crescer o Corpo de Cristo. Há múltiplas referências Bíblicas que apóiam o conceito da “Igreja em sua Casa”: (Atos 17:5; 16:15,32-34; 18:7; 21:8, I Co 16:19; Cl 4:15; Rm 16:5)

⁵⁸ CF. M. Green. Evangelização na Igreja Primitiva. São Paulo, SP: Vida Nova.

5. Equipe de visitação aos lares: Faz parte do testemunho pessoal. Porém aqui com a ênfase de ser feito periodicamente por um grupo de irmãos. Esta equipe de evangeliza o da igreja procurar  semanalmente ir às casas dos visitantes (com dia e horário combinados) levando material de apoio, Bíblia, livretos, etc.

6. Planta o de igrejas: O crescimento das igrejas também acontece quando são iniciados pontos de prega o. Quantas igrejas têm expandido seu trabalho abrindo pontos de prega o em bairros onde residem vários membros ou às vezes apenas uma família, usando como local uma área simples, porém adequada.

7. Distribui o de Folhetos: Ter disponíveis uma boa variedade de folhetos   o primeiro passo no hábito de distribuir folhetos. Oportunidades sem conta são perdidas porque não temos os folhetos na hora certa. Tenha folhetos no seu emprego, em sua casa, perto da porta, e na sua escrivaninha. O fato de você ter bons folhetos consigo a qualquer hora, capacit -lo-  a aproveitar as muitas oportunidades de entregar a Palavra da Vida a uma criança, a um transeunte, a um companheiro de viagem. *“Semeia pela manhã e tua semente, e   tarde não repouse a tua mão, porque não sabes qual prosperar ; se esta, se aquela, ou se ambas igualmente serão boas”* (Ecl 11.6),

8. A Motiva o

Eis aqui um último aspecto que entendo ser de vital importância: A motiva o   a chave para a evangeliza o. Se isso ardesse em nossas almas, não haveria necessidade de tantos congressos sobre evangeliza o. Michael Green⁵⁹ diz que se perguntássemos aos cristãos primitivos, por que eles não perdiam a paixão para evangelizar, responderiam:

- **O exemplo de Deus**, que tanto se preocupou a ponto de mandar o seu próprio Filho ser missionário em nosso mundo.
- **O amor de Cristo**, que nos constrange. Ele foi posto na cruz por nós. E nos diz para irmos em frente e passá-lo a outras pessoas. A evangeliza o   a resposta obediente ao amor de Cristo, que nos tem constrangido.
- **O dom do Espírito**, que nos   dado especificamente para dar testemunho. A tarefa de evangeliza o do mundo e a coopera o do Espírito Santo são as duas características indica das por Jesus em rela o   época entre a sua ascensão e a sua volta.

Assim, os cristãos primitivos tinham por hábito basear a evangeliza o, clara e insofismavelmente, na natureza do Deus tri no. No cora o dele repousa a missão. Mas havia mais três razões que os impeliam:

1. *O privilégio de ser embaixador de Cristo*, representante do Rei dos Reis. Nós recebemos esse ministério. Privilégio estupendo, esse!
2. *A necessidade dos que não têm Cristo*. Isso soa através do Novo Testamento e dos primeiros líderes da Igreja. Quando percebi que as pessoas sem Deus estão perdidas agora e também para todo o sempre, mesmo sendo gente boa, mesmo sendo minha família e meus amigos, foi então que fiz um propósito de gastar a minha vida em contar aos outros as fabulosas Boas Novas que Jesus trouxe ao mundo.

⁵⁹ GREEN, Op Cit. Pp.

3. Finalmente, *há o tremendo prazer da tarefa em si*. Ela começa no Novo Testamento e é contagiosa. Os cristãos podiam ser presos, e cantavam louvores. Podiam mandá-los calar-se e eles falavam mais ainda. Se perseguidos, na próxima cidade divulgavam a mensagem. Se levados à morte, pereciam alegres, suplicando bênçãos para os seus algozes. É por essa razão que eu não trocaria essa missão de pregar o Evangelho por nenhuma outra ocupação no mundo. Isso é um privilégio enorme. A necessidade é urgente. Nessa tarefa, o homem se realiza totalmente. Fomos criados para isso.

VII. OITO DECISÕES PARA A IGREJA NO CONTEXTO URBANO:

1. Decidir fazer uma séria pesquisa sócio-demográfica do contexto onde a igreja encontra-se inserida.
2. Decidir desenvolver um ministério centrado na comunidade, no ministério do leigo e nos dons do Espírito.
3. Decidir saturar a comunidade local com o Evangelho de Cristo.
4. Decisão de mover para fora das quatro paredes da igreja local. (abandonar a mentalidade de gueto)
5. Decisão de proclamar o evangelho pela voz e pela vida, testemunhando em palavras e em obras, na missão integral da Igreja.
6. Decisão de mover para frente, mas somente em unidade.
7. Decisão de jamais barganhar o evangelho da Graça, em nenhuma circunstância.
8. Decisão de executar seriamente a tarefa da grande comissão do Senhor: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações...” (Mt 28:19).

VIII. PRINCÍPIOS RELEVANTES PARA FAZER MISSÕES E EVANGELISMO EM UM CONTEXTO URBANO⁶⁰

- 8.1. O reconhecimento de que o não cumprimento à Grande Comissão constitui-se num ato de desobediência a Deus (Mateus 28:18-20);
- 8.2. A premente necessidade de contemplar que os campos estão “brancos para a ceifa” (João 4:35);
- 8.3. Ênfase em um ministério eclesialístico que priorize a tarefa de fazer novos discípulos (Atos 1:8);
- 8.4. Multiplicação de líderes leigos que possam comunicar Cristo aos não salvos (Atos 8:1-4).
- 8.5. O Princípio da evangelização através do testemunho e do evangelismo pessoal: O índice de arrefecimento da fé entre os novos convertidos alcançados por evangelização em massa tende a ser 75%. Os esforços evangelísticos como grandes cruzadas, sem as raízes fincadas na igreja local, tende a ser movimentos com forte ênfase em decisões mais do que em discipulado.
- 8.6. O Princípio da Obediência: Um comum denominador na plantação de igrejas, é o inarredável compromisso de sermos a comunidade do compromisso com a Palavra.
- 8.7. O Princípio da pluralidade de lideranças locais: Nenhum homem é a expressão da mente de Deus... A pluralidade de líderes na Igreja local salvaguarda o ministro de toda e qualquer tendência de brincar de Deus sobre a comunidade.

⁶⁰ Nascimento, Antônio José. *Fundamentos Bíblicos e teológicos da Missão*. (in: Apostila do curso de Missiologia do CPAJ – 2001)

8.8. O princípio de evitar Publicidade Sensacional: É importante que a igreja novamente imite o Senhor por aproximar do mundo evitando toda a publicidade sensacional.

8.9. O Princípio da Mobilidade: Nós precisamos enfrentar a verdade que Igrejas falham quando elas tornam-se prisioneiras de suas próprias estruturas e perdem sua mobilidade, confinando suas atividades dentro das paredes do santuário, sem visão evangelística e sem uma influência benfazeja dentro da sociedade.

8.10. O Princípio de evitar quaisquer tipos de Sincretismos na tarefa de plantação de novas igrejas: Entre os inimigos da igreja incluem-se: a crença que cada um já é um cristão mesmo sem ter nascido de novo, e o relativismo moral e religioso.

OS ELEMENTOS DA MISSÃO URBANA⁶¹ – MT. 9:35; 10:1

11.1. O Contexto da Missão Urbana : Lc 4:43; 8:1; 14:21,23

11.2. O Conteúdo da Missão urbana

Jesus percorria as cidades e povoados fazendo três coisas:

- 1^a) Pregando (*Kerigma*) : Salvação
- 2^a) Ensinando (*Didaskalia*) : Educação
- 3^a) Curando (*Diakonia*) : Serviço

11.3. A Compaixão para a Missão Urbana (9:36)

Segundo esta passagem existem três características do homem urbano:

- 1^a) São pessoas aflitas: sentimento de angústia
- 2^a) São pessoas exaustas: cansadas
- 3^a) São pessoas desorientadas: sem rumo e direção

11.4. O Compromisso para a Missão Urbana – Mt 9:37,38

11.5. O Comissionamento para a Missão Urbana – Mt 9:37 – 10:1

XII. PASTOREANDO A CIDADE

Roger Greenway⁶² sugere seis características que devemos ter no ministério urbano:

1. Aqueles que desejam servir na cidade devem aprender a amar a cidade.
2. Os trabalhadores cristãos devem conhecer a cidade
3. Os trabalhadores cristãos devem aprender a apreciar o corpo de Cristo existente na cidade.
4. Um trabalho bem sucedido implica em se condicionar pela cidade.
5. Bons trabalhadores urbanos possuem uma paixão por evangelização profunda e genuína.

⁶¹ BARRO, Jorge Henrique. *Ações Pastorais da Igreja com a Cidade*. Londrina, Pr: Editora Descoberta. 2000. p. 24-31

⁶² GREENWAY, Roger; Monsma, Timothy M. *Cities – Mission's New Frontier*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House. 1989. p.p. 246-260

6. O trabalhador deve construir uma credibilidade genuína para ser eficaz no ministério urbano.

Rev. Gildásio Reis é pastor da Igreja Presbiteriana de Osasco, Mestre em Teologia e Professor do Seminário Presbiteriano “Rev. José Manoel da Conceição”